

JOSEPH, TRADUTOR DO IMPÉRIO PERDIDO

Luis S. Krausz*
Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo discute um folhetim jornalístico do escritor austríaco Joseph Roth que trata de uma miniatura do Templo de Salomão, encontrada por ele num café da Hirtenstrasse berlinense, no coração do que foi, na década de 1920, o bairro habitado pelos judeus do Leste da Europa na capital alemã. A nostalgia, sob cujo signo foi criada tal miniatura, torna-se uma metáfora da nostalgia pelo império Austro-Húngaro, chave para a compreensão da obra romanesca deste escritor. Ao mesmo tempo, esta nostalgia rothiana é contextualizada no âmbito das crenças místicas e messiânicas do judaísmo tradicional.

Palavras-chave: Literatura austríaca. Nostalgia. Judaísmo. *Mittleuropa*.

JOSEPH ROTH, TRANSLATOR OF A LOST EMPIRE

Abstract: This article discusses a journalistic *Feuilleton* by Austrian novelist Joseph Roth that deals with a miniature of Salomon's Temple, which he found in a café in Berlin's Hirtenstrasse, in the heart of what was the neighborhood inhabited by Eastern European Jews in Germany's capital. This miniature has been built under the sign of nostalgia, and this nostalgia becomes a metaphor of Roth's nostalgia for the lost Austro-Hungarian Empire, a key for the understanding of his *oeuvre*. At the same time, this feeling is contextualized in the realm of mystical and metaphysical beliefs, central to traditional Judaism.

Keywords: Austrian literature. Nostalgia. Judaism. *Mittleuropa*.

* Mestrado em Letras Clássicas, Universidade da Pensilvânia. Doutorado em Literatura e Cultura Judaica, Universidade de São Paulo. Pós-Doutorado em Literatura e Cultura Judaica, Universidade de São Paulo. Professor RDIDP da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: lkrausz@uol.com.br



Esta obra está licenciada com uma Licença:

Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Em 1920, dois anos depois da destruição do Império Habsburgo, Joseph Roth encontrou, casualmente, uma miniatura do Templo de Salomão, na escala 1:70, num pequeno café e restaurante no *Scheunenviertel* berlinense – o bairro onde residiam os judeus recém-chegados do Leste europeu, foragidos dos *pogroms*, da I Guerra Mundial e do antissemitismo polonês. Esta miniatura, assim como seu construtor, são descritos num folheto publicado pela *Neue Berliner Zeitung* em 2 de Outubro de 1920, que está incluído na antologia *Berlim*, organizada por Michael Bienert e traduzida ao português em 2006. É um pretexto para que Roth rememore uma era em que a história se movia em direção ao passado, de maneira a por em xeque a superstição do progresso, hegemônica nas últimas décadas de existência do Império Austro-Húngaro, à qual a I Guerra Mundial e suas desastrosas consequências puseram por terra: “O Rei Salomão,” ele escreve, “reinou num tempo em que a história ainda andava para trás, mas precisamente de 1015 a 975 a.C. Adorava a suntuosidade e o esplendor, e era generoso para com Deus e para com seus súditos.” (ROTH, 2006, p. 29).

No entanto, esta era de esplendor, de boa vida, e de um tempo que recuava, e que talvez, ao contrário do tempo concebido por Walter Benjamin em suas “Teses sobre o conceito de história” (1977), aproximava-se, cada vez mais, do paraíso, em vez de dele afastar-se, ficou irreversivelmente confinada ao passado. Lamentavelmente, além disto, este tempo mal atrai o interesse dos frequentadores e clientes do restaurante do *Scheunenviertel* que Roth descreve, pois eles estão ocupados com outras questões, discutindo as notícias da bolsa de valores, os acontecimentos do dia – e não dão atenção ao Templo. “Pois o povo é ateu e republicano”, (ROTH, 2006, p. 31) afirma Roth, numa explicação breve e resignada, que ao mesmo tempo em que explica, lamenta a falta de interesse por esta construção extremamente delicada, feita por um judeu cuja fotografia, também à mostra ali, ostenta olhos escuros e filosóficos – olhos que, segundo Roth, expressam “a vitória do misticismo sobre a especulação”.

A miniatura do Templo torna-se, assim, não só uma relíquia do passado remoto de Jerusalém, mas também um emblema do

mundo que foi sepultado sob as cinzas da I Guerra Mundial, no qual pessoas como Herr Schwarzbach, de Drohobycz, na Galícia – o autor do pequeno Templo – viviam para valores imateriais, frequentemente irracionais, e não para a especulação e o comercialismo raso, em sua multiplicidade de disfarces, que se tornariam as forças predominantes da vida política da Europa pós-imperial. Segundo Roth, Herr Schwarzbach passou nove anos de sua vida trabalhando nesta miniatura, minuciosamente descrita no folhetim, apesar de ignorada pelos fregueses do estabelecimento. E como resultado pelos seus esforços, ele sequer podia esperar por uma condecoração da majestade do reino, há muitos séculos desaparecido, do rei bíblico Salomão.

A obra de Herr Schwarzbach torna-se símbolo de um tempo e de um lugar idealizados, de uma *Heimat* imaginária que parece ser a constelação de duas realidades obliteradas: a Jerusalém bíblica, por um lado, e o Império Austro-Húngaro, com suas pompas e seus rituais que não fazem mais sentido na Europa após a I Guerra Mundial, de outro. Em ambos, conforme a opinião de Roth, a existência humana ainda não se encontrava sujeita à estreiteza de horizontes dos republicanos ateus, mas era regida pelas leis do amor e do êxtase místico, pelas realidades do ritual e pelo triunfo de valores metafísicos – uma espécie de Era do Ouro, na qual uma vida mais plena de sentido e mais satisfatória é concebida como a contrapartida das limitações e dos descontentamentos das realidades pouco encorajadoras e nada otimistas de Berlim e de Viena da década de 1920. Assim, este breve folhetim apresenta alguns dos temas que formariam o núcleo da obra ficcional de Roth, na qual a nostalgia por uma era desaparecida, de esplendor e de boa vida, desempenha um papel central, atuando como uma linha de força que a perpassa de uma extremidade a outra, e fazendo dela uma espécie de épico de um mundo desaparecido.

A Hirtenstrasse berlinense, onde se localizava o estabelecimento visitado por Roth, estava no centro de um bairro densamente povoado, como foi dito acima, por migrantes judeus recém-chegados da Europa do Leste. Embora a maior parte deles ainda se vestissem

como judeus religiosos, aparentemente muitos já tinham se esquecido de Jerusalém, e de tudo o que Jerusalém significa na tradição judaica cristalizada em milênios de existência na Diáspora. Os múltiplos significados desta cidade na tradição religiosa e metafísica judaica tiveram que ceder seu lugar a preocupações de caráter mais mundano num mundo dominado pela incerteza, pelas identidades cambiantes, pelas descontinuidades e pela fragmentação.

Numa carta escrita na Rússia pós-revolucionária, que Roth visitou como repórter da *Frankfurter Zeitung*, ele afirma que, depois da I Guerra Mundial, a Europa tinha se transformado numa gigantesca maquinaria, “ein ungeheuer Apparat”, dominada pela racionalidade econômica e pelo pragmatismo. Neste novo continente espiritual, esta racionalidade deixara de ser concebida como parte dos poderes ilimitados de Deus para tornar-se um princípio autônomo e soberano – um princípio hegemônico que não tardaria a estabelecer o seu reino de pesadelo e de horror.

A nostalgia por Jerusalém ocupou um papel central na religiosidade judaica desde o tempo da destruição do Templo de Salomão pelos exércitos de Nabucodonosor, em 587 a. C. – e a primeira expressão literária deste sentimento aparece no livro bíblico de Lamentações, escrito sob o impacto desta destruição de dimensões cataclísmicas. A queda do Templo provocou uma convulsão de todos os pressupostos a respeito do destino do povo judeu, e sobre seu pacto com Deus, pois, de acordo com a teologia bíblica, expressa claramente no livro de Deuteronômio, a derrota de Israel e o triunfo de seus inimigos devem ser compreendidos como expressões da vontade divina. Pois a destruição era vista como um momento corretivo no âmbito da relação duradoura entre Deus e seu povo – e a partir daí surge e ideia da redenção final, do retorno e da reconstrução, interpretados como os sinais visíveis da reconciliação, e que estão destinados a manifestar-se no momento final da História. Esta ideia é expressa no Livro de Isaías (51, 12), que fala de Deus como o consolador de Israel, e anuncia um novo pacto, que nunca voltará a ser rompido. Isaías leva o leitor de encontro à redenção, à reconciliação com Deus, à reconstrução de Jerusalém e ao fim da

Galut, termo que, em hebraico, significa a dispersão e o exílio, em oposição a Jerusalém, que é o lar ou a *Heimat*. E tal oposição entre o lar e o exílio, entre a destruição e a reconstrução, desempenhou um papel central na cristalização da religião judaica e, em particular, das esperanças e crenças messiânicas, na Idade Média.

Por isto, quando Roth (2006) afirma que a miniatura lembra uma era em que o tempo se movia do futuro em direção ao passado, ele também está recordando uma era em que o pesadelo da História, que arrastou os judeus para lugares cada vez distantes de sua *Heimat* original, em direção a uma *Galut* cada vez mais acirrada, ainda não havia começado.

O conceito moderno de História, na realidade, não faz sentido no contexto cultural do judaísmo tradicional, pois no âmbito do pensamento religioso judaico o tempo estava limitado, de um lado, pelo passado bíblico e de outro pela esperança pela redenção messiânica, enquanto o sentido do presente é compreendido como a possibilidade de obedecer aos mandamentos divinos, expressão dos vínculos indissolúveis entre o Criador e o povo de Israel, mais do que como um espaço aberto para o exercício e o desenvolvimento da liberdade humana.

Judeus tradicionalistas do Leste europeu, recém-chegados às metrópoles do Ocidente, viram-se confrontados, a partir do início da Emancipação Judaica do século XIX, com uma nova visão de mundo, que desafiava suas esperanças messiânicas de retorno a Jerusalém. Para muitos deles, a Áustria-Hungria, com suas metrópoles prósperas e progressistas, tornara-se uma nova *Heimat* e, até certo ponto, um substituto de Jerusalém no âmbito de seu imaginário espiritual. Já em 1792, isto é, sete anos antes da Revolução Francesa, José II da Áustria promulgou o célebre Édito de Tolerância (*Toleranzpatent*), que representou o primeiro passo no sentido da plena integração dos judeus no corpo de cidadãos do Império e fez dele um pioneiro da emancipação judaica na Europa. Depois das sucessivas partilhas da Polônia, em 1772, 1793 e 1795, o Império Habsburgo incorporou um vasto contingente de judeus que viviam na Galícia, antiga região polonesa.

A política de José II no sentido da integração dos judeus à cultura alemã foi muito bem sucedida e teve como aliado o avanço gradual da ideologia do Iluminismo judaico, ou *Haskalá*, que propunha o abandono da tradição religiosa em favor de uma visão de mundo cosmopolita e humanística.

Como resultado dessas políticas, centros do Iluminismo Judaico floresceram na Galícia do século XIX, assim como em outras regiões do Império, e uma rede de escolas judaico-alemãs foi estabelecida, com o objetivo ostensivo de educar e integrar uma nova geração de judeus, que deveriam tornar-se cidadãos úteis no projeto político e econômico do Império. Brody, a cidade natal de Joseph Roth, foi um desses centros do Iluminismo judaico em meados do século XIX.

A influência da cultura germânica moderna na Galícia do século XIX levou também a uma polarização radical entre os judeus, e ao estabelecimento de duas facções opostas: de um lado, uma facção voltada para a cultura germânica, orientada para a modernidade e profundamente influenciada pelas ideias iluministas, que buscava emancipação do dogma religioso, liberdade de pensamento e integração na sociedade burguesa; de outro lado, um setor religioso, entrincheirado em crenças messiânicas, que via a germanização dos judeus e sua integração ao Império como uma heresia, como uma maneira de esquecer Jerusalém, e que se empenhou em impedir o contato com as ideias de modernização e de emancipação, promulgando excomunhões sobre os seguidores ou defensores de tais ideias.

Este *Kulturkrieg* (guerra de culturas) muitas vezes tornou-se, inclusive, violento, como no episódio de envenenamento de um rabino reformista, partidário da integração dos judeus no corpo de cidadãos do Império, que fora o responsável pelo ensino religioso da Escola Judaico-Alemã Imperial de Lemberg, por um judeu hassídico, em 1848 – um caso estudado no livro de Michael Stanislawski (2007), intitulado *A Murder in Lemberg*.

Karl Emil Franzos (1848-1904), escritor judeu de língua alemã que nasceu em meio a judeus hassídicos na cidadezinha de Czortków, na Galícia, expressa em seus romances e novelas este conflito entre os judeus modernizantes e os tradicionalistas. Franzos era

filho de um médico de origem sefardi, que se formara em medicina em Viena e que seguia a tendência modernizante. Em sua obra, a língua alemã se torna sinônimo de cultura, enquanto as crenças judaicas tradicionais aparecem como exemplos de superstição e de obscurantismo. Franzos denomina sua Galícia natal de *Halb-Asien* – um território de barbárie e de aberração, e o contra-polo da “civilização” europeia ocidental.

Joseph Roth, que nasceu meio século depois de Franzos, viu as polaridades e os conflitos entre os judeus de sua Galícia natal de maneira mais nuançada. A paixão de parte dos judeus galicianos pela cultura alemã já declinara consideravelmente à época da infância de Roth, tendo sido substituída por tendências como o nacionalismo polonês, o sionismo e o socialismo. Criado por um avô religioso – seu pai abandonou a família quando Roth ainda era um bebê e desapareceu, aparentemente por causa de uma doença mental – ele estudou numa escola alemã de Brody. Mas na década de 1910, numa época em que o nacionalismo polonês e o antissemitismo crescente já tornavam cada vez mais obsoleto o sonho judaico de integração à sociedade e à cultura alemãs, esta era uma opção anacrônica. O gosto peculiar de Roth e sua educação são descritos por seu amigo Soma Morgenstern num livro de memórias intitulado *In einer anderen Zeit* (*Num outro tempo*) com as seguintes palavras:

Ao contrário de todos nós, na Galicia, Roth frequentou um colégio de língua alemã. Havia apenas dois colégios assim na Galícia, um em Lemberg, para os filhos dos oficiais do exército ali estacionados, e outro em Brody, supostamente um remanescente dos tempos da Haskalá, que nesta cidade tivera um grande florescimento (Brody foi um dos centros leste-europeus da Haskalá, o Iluminismo judaico nos séculos XVIII e XIX). (MORGENSTERN, 1999, p. 14, tradução minha)¹

Mais adiante, no mesmo livro, Morgenstern discute a paixão de Roth pela língua, cultura, e literatura alemãs e afirma que esta

já era totalmente atípica dentre os judeus de sua geração, tendo-se tornado uma espécie de relíquia de um passado perdido:

Na cidade de Brody, onde ele (Roth) nasceu, havia um colégio de língua alemã. Esta foi sua vantagem quando ele se decidiu a escrever em alemão. Mas foi também uma desvantagem, porque o manteve afastado das duas línguas da cidade. Ele não conhecia nem o polonês, nem o ucraniano. Dessas línguas, ele sabia tanto quanto sua mãe, isto é, não muito. Se seu pai tivesse ficado com ele, provavelmente ele teria se integrado organicamente à literatura ídiche, pois esta era a única língua do seu cotidiano. Pois ele só podia falar alemão com seus colegas de escola. Como ele não conhecia as línguas da cidade, isolou-se num gueto lingüístico, permanecendo como estranho em seu próprio lar, como um daqueles estudiosos judeus ortodoxos, que eram capazes de não aprenderem nunca a língua de seu país. (MORGENSTERN, 1999, p. 289, tradução minha) ²

Morgenstern mostra que, por meio de seu interesse na língua, na literatura e na cultura alemãs, Roth construiu para si mesmo uma realidade paralela, isolando-se de seu ambiente imediato – um território poético reservado que Morgenstern compara aos territórios secretos e sagrados que os judeus criaram em língua hebraica, e que preservaram viva a memória de Jerusalém, uma espécie de templo privado e de repositório de valores metafísicos percebidos como imperecíveis.

No interior deste gueto literário e lingüístico alemão, Roth cultivava sua devoção a ideais sepultados no passado imperial da Áustria-Hungria – como se fosse possível viver “naquela época em que a História andava para trás”, o que, em seu caso, era a era dourada da integração dos judeus no universo cultural germânico.

Durante seus anos de colégio, Roth esforçou-se em assimilar a cultura alemã e, segundo seu biógrafo David Bronsen, “seu desejo mais íntimo era, desde a sua infância, servir à língua alemã e, por

meio dela, aos ideais elevados que tinham sido a honra da cultura germânica – isto é, o cosmopolitismo e a liberdade espiritual” (BRONSEN, 1974, p. 81, tradução minha).³

Klaus Dohrn, amigo próximo de Roth, entrevistado por Bronsen, lembrou que, em sua adolescência, Roth declarou sua intenção de assimilar-se à cultura austríaca – e não à cultura polonesa. O mundo pelo qual ele se apaixonou, o mundo no qual ele desejava ingressar, era o mundo das letras germânicas, sob a égide do *Kaiser* Franz Joseph. E sua tragédia existencial, depois da destruição do Império, pode ser compreendida, também, como uma tradução alemã e moderna da antiga nostalgia hebraico-judaica pelo templo de Jerusalém.

Roth foi o primeiro a afirmar que o único lar do verdadeiro poeta é a língua – e uma vez privado de sua *Heimat* pela tragédia do desterro e do exílio, transformou a língua alemã numa espécie de santuário portátil, semelhante àquele dos judeus do Êxodo em suas andanças bíblicas pelo deserto – talvez semelhante, também, àquela miniatura do Templo de Salomão que ele encontrou e descreveu de forma tão emocionada no café e restaurante da *Hirtenstrasse* berlinense.

A ideia de História como um processo que pode ser revertido e a ambição de recuperar o passado em sua integridade está no cerne da crença profética e messiânica judaica. Mas para Roth, este sentido de perda, e de esperança por restauração, não estava vinculado a Jerusalém, e sim à Monarquia Habsburga. Numa carta de 1932, ele afirmou: “A experiência mais dramática da minha vida foi a guerra e o desaparecimento de minha pátria, da única pátria que jamais possuí, a Monarquia Austro-Húngara. Ainda hoje sou um austríaco inteiramente patriota, e amo os restos de meu lar nacional como uma relíquia.” (BRONSEN, 1974, p. 177, tradução minha).

⁴ Em *Die Kapuzinergruft (A Cripta dos Capuchinhos)*, Roth escreve: “A Áustria não é um Estado, não é um lar, não é uma nação. É uma religião e, como tal, a única nação supranacional que jamais existiu.” (ROTH, 1999, p. 422, tradução minha).

Segundo Hans Natonek, “Roth viveu voltado sobre o passado, à *la recherche du temps perdu*. Ele marchava, revirava um passado melhor (que ele não conheceu diretamente), conjurava as sombras

da Áustria de antes da I Guerra Mundial e de seu *Kaiser* e, com amor infantil, manteve-se fiel a ele. Uma vez apaixonado pelo sonho austríaco, ele o viveu em sua literatura, e pessoalmente, em carne e em espírito, como um romântico.” (BRONSEN, 1974, p. 514, tradução minha).

A miniatura do Templo de Herr Schwarzbach, exilada na Berlim dos anos 1920 torna-se, assim, uma metáfora que antecipa em alguns anos o desenrolar do próprio drama existencial de Roth, que instaura o sonho impossível do retorno, tornando permanente a angústia desta impossibilidade. Mas a reconstrução da Áustria de Roth estava destinada a um fracasso retumbante no universo da política europeia onde, como se sabe, deu lugar ao expansionismo destruidor do III Reich. Assim como no universo da especulação mística e filosófica, tal reconstrução poderá ocorrer só no universo imaginário, âmbito no qual a literatura de Roth construiu um monumento gigantesco ao espírito defunto de um velho Império

Notas

1. Roth hatte im Gegensatz zu uns allen in Galizien ein Gymnasium mit deutscher Vortragssprache absolviert. Es gab nur zwei solche Gymnasien in Galizien, eins in Lemberg für die Kinder der dort stationierten Offiziere, und eins in Brody, vermutlich als Überbleibsel der *Haskala*, die in dieser Stadt geradezu aufblühte. (Brody war ein osteuropäisches Zentrum der Haskala, der jüdischen Aufklärung im 18. und 19 Jahrhundert).

2. In der Stadt Brody, wo er (Roth) geboren war, gab es ein Gymnasium mit deutscher Vortragssprache. Das war sein Vorteil, als er sich entschloss, deutsch zu schreiben. Aber es war auch ein Nachteil, weil es ihn von den zwei Landessprachen ferngehalten hat. Er hat weder die polnische noch die ukrainische Sprache beherrscht. Davon verstand er so viel wie seine Mutter, also nicht viel. Wäre ihn sein Vater erhalten geblieben, wäre er wahrscheinlich organisch in die jiddische Literatur hineingewachsen, denn es war ja für ihn die einzige Umgan-

gssprache. Denn deutsch konnte er nur mit seinen Mitschülern sprechen. Da er die Sprachen des Landes nicht kannte, schloss er sich selbst in ein Spachghetto ein und war also seinem Heimatland entfremdet, wie einer von der frommen orthodoxen Gelehrten, die es fertiggebracht haben, nie die Sprache des Landes zu lernen.

3. Transcrição de um trecho do discurso que Stefan Zweig pronunciou numa solenidade fúnebre em honra a Joseph Roth em 1939.

4. Transcrição de carta a Otto Forst de Battaglia, de 28/10/1932.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Über den Begriff der Geschichte** em *Illuminationen*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1977.

BRONSEN, David. **Joseph Roth**: Eine Biographie. Colônia: Kiepenheuer & Witsch, 1974.

MORGENSTERN, Soma. **In einer anderen Zeit**. Berlim: Aufbau Taschenbuchverlag, 1999.

ROTH, Joseph. **Berlim**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

_____. **Die Kapuzinergruft**. Colônia: Kiepenheuer & Witsch, 1999.

STANISLAWSKI, Michael. **A Murder in Lemberg**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

Recebido em: 12/02/2014

Aceito em: 23/05/2014